

Da Europa à Aracati. As casas comerciais aracatienses na segunda metade do século XIX e a inserção de mercadorias estrangeiras na cultura local (1850 - 1910)

Ana Paula Gomes Bezerra
Mestranda em História (MAHIS/UECE)
paula.gomes@aluno.uece.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como ocorreu a inserção de produtos europeus na sociedade aracatiense através das Casas Comerciais. Para realizar a análise, foi utilizada a documentação da Casa Boris Frères, referente à cidade de Aracati, as correspondências expedidas e mapas demonstrativos da Alfândega de Fortaleza e Aracati. Além destas fontes, trabalharemos sobre os anúncios dos anuários e catálogos entre os anos de 1850 a 1910. De acordo com os mesmos foi percebida uma grande quantidade de casas comerciais e comerciantes na referida cidade, assim como uma diversidade de produtos. Neste sentido, pretende-se entender como a sociedade aracatiense absorveu tais produtos e quais mudanças, do ponto de vista do *habitus*, os mesmos provocaram na cidade em questão. A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo foi a do cruzamento de fontes. Acredita-se, portanto, que a instalação das casas comerciais, sobretudo estrangeiras, proporcionou a entrada de produtos europeus e possibilitou mudanças nos hábitos e costumes da cidade e na sociedade aracatiense.

PALAVRAS CHAVES: Cultura material – consumo – hábitos e costumes

ABSTRACT

This study aims to understand how occurred the inclusion of European products in the society of Aracati through the Commercial establishments. Data were obtained through documents from the Boris Frères store, located at Aracati city, as well as maps statements and mailings issued by the Customs of Fortaleza and Aracati cities. In addition to these sources, were analyzed catalogs and ads yearbook between 1850-1910 years. According to these data it was found a large amount of commercial establishments and merchants in that city, as well as a wide range of products. Based on this, we intend to understand how the introduction of these products influenced the population of Aracati city and what changes, from the point of view of *habitus*, such products resulted in that city. The results of this study, obtained by crossing of different information sources, allow us to infer that the installation of commercial houses, especially the foreign ones, led to the entry of European products and led changes in the habits and customs of the city and citizen of Aracati.

KEYWORDS: Material culture - consumption - habits and customs

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de um estudo maior que está sendo desenvolvido para nossa dissertação de mestrado, em que a inserção da cidade de Aracati no processo civilizador capitalista entre os anos de 1850 a 1910, provocou a instalação de casas comerciais de origem estrangeira, principalmente inglesa e francesa, provocando a mudança nos hábitos e costumes na sociedade em questão. Entendendo que as referidas casas comerciais trouxeram além das mercadorias importadas, um modo de vida europeu, a ser traduzido pela sociedade em questão.

Algumas dessas mercadorias importadas da Europa, hoje, funcionam como mediadores entre o passado e o presente, e correspondem ao propósito de estudo da pesquisa em tela, onde buscamos compreender, a partir da inserção dessas casas comerciais, as transformações ocorridas na referida sociedade decorrente da entrada das mercadorias estrangeiras em seu cotidiano.

O interesse pelo estudo em questão surgiu a partir de discussões realizadas nas reuniões do Grupo de Pesquisa em Práticas Urbanas¹. A partir de seus questionamentos iniciou-se o interesse em desenvolver uma pesquisa abordando o eixo temático **“estrangeiros, produção e consumo de mercadorias”**, no qual estou inserida, que resultou neste estudo onde buscamos entender como se deu a inserção da cidade de Aracati no processo civilizador capitalista, qual o papel das casas comerciais de origem europeia instaladas na referida cidade, e ainda, como a entrada destas mercadorias mudou os hábitos e costumes locais.

O Presente estudo encontra-se dividido em três partes: a primeira aborda a inserção do Brasil no processo civilizador capitalista por meio das mercadorias importadas da Europa e a exportação de produtos locais; a segunda descreve a relação entre a Europa, Fortaleza e Ceará, a partir da influência da Casa Boris Frères que é percebida através de sua documentação que inclui relações de mercadorias européias, solicitadas por comerciantes aracatienses; e a última discorre acerca das casas comerciais estrangeiras que se fixaram na cidade de Aracati no período em questão e que estabeleciam estavam no ramo de importação e exportação de mercadorias. Tal divisão se faz necessária para compreendermos o período em tela e a inserção das casas comerciais como agente de mudanças nos hábitos e costumes da sociedade aracatiense.

¹ Grupo de Pesquisa Capitalismo, Edital MCTI/ CNPQ/ MEC/ CAPES – Ação Transversal nº 06/ 2011 – CASADINHO/ PROCAD do Programa de Mestrado em História e Culturas da UECE em parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS

1. As Casas Comerciais estrangeiras no Brasil

A inserção do Brasil no processo civilizador capitalista iniciou com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, onde a então colônia vivenciou um período de grandes mudanças e adaptações, dentre elas a abertura dos Portos às Nações Amigas, o que possibilitou o comércio direto entre Brasil e Europa, principalmente com a Inglaterra. Esse período de transformações foi denominado por Malerba (2000, p.187) como **europização**, onde ocorreu “a influência recíproca dos diferentes grupos sociais, particularmente as elites de corte e os comerciantes fluminenses, na transformação dos costumes no Rio de Janeiro joanino”, nesse sentido o autor enfatiza que houve aumento nos hábitos de consumo, pois devido a “europização dos costumes”, se intensificaram as aquisições de mercadorias de origem europeia, onde as modas francesas e inglesas foram sendo introduzidas na colônia, tornando-se um modelo de civilidade.

Essa período conhecido como europização que inicia em 1808 e se estende a 1860, segundo Freyre(1968), marca a inserção de mercadorias de origem europeia no Brasil. Tal comércio irá se intensificar a partir do período denominado pelo autor como **Segunda europização** ou **Reeuropização** que se estende entre os anos de 1860 a 1930. Este processo se inicia com a instalação das Casas Comerciais, em sua maioria, pelos estrangeiros (ingleses, franceses e alemães) o que possibilitou a entrada mais intensa de produtos de origem europeia, onde se espalharam pelas principais cidades brasileiras e finaliza com o início do imperialismo norte-americano.

As primeiras casas comerciais estrangeiras que se estabeleceram no Brasil datam do início do século XIX, a instalação dessas casas foi se tornando mais intensas a partir da segunda metade do referido século, e vendiam uma diversidade de produtos, entre eles destacamos: os artigos utilizados na mesa e cozinha, como: as *louças* presente em: serviços de chá e café, aparelhos de jantar, travessas, sopeiras, molheiras, talheres, vasilhames de cerâmica, taças, licoreiras, garrafas de vidro e grés para bebidas, etc; a mobília, o vestuário, ou para o trabalho como: as ferramentas e maquinários, dentre outros.

O Rio de Janeiro se destaca pelo fluxo intenso de europeus que chegavam ao porto atraídos pelo comércio, como afirma Malerba (2000, p. 141) “A cidade recebia crescentemente grandes contingentes de europeus atraídos pelo comércio”. O mesmo diversificou as atividades econômicas da cidade, como a instalação de diversos estabelecimentos comerciais, como bancos, estaleiros e destacamos as principais casas comerciais, estabelecidas no Brasil nas primeiras décadas do século XIX, entre elas,

destacamos: Stervenson e Duder, na Bahia, que segundo Freyre (2000, p. 83) “especializada em negócios de cacau e óleo de baleia [...] a Casa Inglesa de Mrs. Brack, do Recife Proudfoot & Comp., no Rio Grande do Norte, a Casa Inglesa do Ceará, fundada pelo irlandês William Wara”,

Esse crescente comércio durante a primeira metade do século XIX, a Inglaterra estabeleceu comércio mais intenso com o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, onde eram realizadas atividades de importação de mercadorias, como: chapéus, calçados, louça, vidros, entre outros. Porém durante a segunda metade do século XIX esse comércio triplica, inserido esse processo civilizador capitalista por outras regiões do Brasil, dentre elas: o Ceará.

Esse comércio entre Brasil e Europa, segundo TAKEDA (1994) se intensificou na segunda metade do século XIX, tendo a França ocupado lugar de destaque, de acordo com a autora:

no decorrer do século XIX, sobretudo de 1850 até o seu final, a França ocupou uma posição privilegiada nas relações comerciais externas brasileiras: o segundo país no movimento de importação e exportação de mercadorias no Brasil, logo em seguida à Inglaterra (TAKEDA, 1994, p: 111).

Esse intenso comércio de importação de produtos europeus contribuiu para a mudança dos hábitos e costumes da sociedade brasileira, como já foi dito anteriormente, que buscava se assemelhar a sociedade europeia do referido período. Essa busca, por se aproximar do modelo civilizador europeu, pode ser percebida a partir da inserção de mercadorias de origem europeia, como afirma Freyre (2000, p. 77) “são esses artigos os que mais rapidamente modificam a cultura – cultura no sentido sociológico – de um povo: talheres, louça, alimentos, móveis, fazendas, roupas feitas, chapéus, calçados, selins, carruagens.” Isso se deu, devido a expansão capitalista iniciada em 1850, como afirma Hobsbawm (2012, p. 61) “difícilmente podemos datar a grande expansão antes de 1850.”, onde o desenvolvimento econômico possibilitou o que podemos chamar de economia mundo, como sugere o autor “o capitalismo tinha agora o mundo inteiro a seu dispor, e a expansão simultânea do comércio e dos investimentos internacionais dá bem a medida do entusiasmo que teve em capturá-lo.”² Diante disso, os investidores europeus viram no Brasil um atraente mercado consumidor de suas mercadorias, inserindo o Brasil no processo civilizador capitalista..

A partir da inserção do Brasil no referido processo, o mercado brasileiro se tornou atraente para a fixação de casas comerciais estrangeiras que forneciam as mercadorias necessárias para que a sociedade se assemelhe ao modelo de civilidade apresentado, o modelo europeu. Possibilitando que as mesmas se especializassem na importação de bens de

²Op.Cit, p: 67

consumo, assim como na exportação de produtos nacionais, como o couro, o algodão, dentre outros. Essas relações comerciais se intensificaram com o auxílio das “Exposições Universais ou Internacionais” que apresentavam aos interessados uma grande diversidade de produtos a serem comercializado, como afirma Hobsbawm:

Catorze mil firmas exibiram em Londres em 1851(a moda tinha sido condignamente inaugurada no lar do capitalismo); 24 mil em Paris, 1855; 29 mil em Londres, em 1862; 50 mil em Paris, em 1867. Justiça seja feita, a maior delas todas foi a FERIA do Centenário da Filadélfia, em 1876, nos Estados Unidos. ³ (HOBSBAWM, 2012, p: 61)

Além das exposições citadas, destacamos a segunda Exposição Universal de Paris no ano de 1889 e a de Chicago em 1892, sendo a última realizada em 1922, na cidade do Rio de Janeiro. Destacamos aqui a participação do Brasil nas exposições de Paris, 1867 e 1889, nos Estados Unidos, nas exposições da Filadélfia, 1876 e Chicago, 1892 e na exposição do Rio de Janeiro, em 1922. Antes da realização dessas exposições, eram realizadas no Brasil as exposições preparatórias para as chamadas “Exposições Universais ou Internacionais”⁴, serviam como ensaio para as grandes exposições já citadas.

As Casas Comerciais realizavam um papel fundamental, pois eram elas que organizavam as mercadorias e as cidades que iriam ser expostas nas Exposições Universais, essas exposições serviram de vitrine para o Brasil, onde apresentava os produtos que poderiam ser comercializados, tornando a relação entre a Europa e o Brasil mais próxima. Destacamos a presença do Ceará em algumas dessas exposições devido ao intermédio de uma das instituições comerciais mais importantes do Ceará, a Casa Boris Frères, que foi responsável pela organização das mercadorias cearenses para as Exposição Universal de Paris no ano de 1889, de Chicago, em 1892⁵, e do Rio de Janeiro, em 1922. As mesmas tinham um papel fundamental para consolidar as relações entre os países visitantes e o Brasil através da exposição de mercadorias expostas nos estandes situados no interior das feiras.

As referidas exposições deram visibilidade as mercadorias brasileiras o que provavelmente motivou a instalação de casas comerciais de origem europeia no Brasil, destacando aqui a Casa Boris Frères que possuía matriz em Paris e sua única filial no Brasil, instalada na cidade de Fortaleza.

³A Exposição Universal de 1876, foi a primeira Exposição Universal realizada nos Estados Unidos. Contou com a visita de aproximadamente 10 milhões de visitantes, o equivalente a 20% da população do país na época.

⁴Embora não seja o foco de nossa pesquisa se faz necessário destacar a importância das mesmas no período em questão

⁵Ver: No País dos Iankes de Adolfo Caminha, publicado pela primeira vez em 1894

2. Relações Comerciais entre a Europa, Fortaleza e Aracati: a influência da Casa Boris Frères no comércio local

Esse processo civilizador⁶ vencido pelas cidades brasileiras estava inserido dentro de um modelo capitalista em expansão que iniciou na Europa, chegando ao Brasil se expandiu pelas demais cidades do país, influenciando o comportamento social, a dinâmica das cidades e a maneira de pensar da sociedade brasileira, traduzindo um ideário europeu que deveria ser seguido, além disso, observamos uma intensa entrada de produtos estrangeiros nos centros urbanos do Brasil, no que diz respeito aos Ceará essa expansão começou por Fortaleza centro irradiador, se expandindo por Sobral, Quixeramobim, Crato e Aracati

Esses produtos importados que chegavam a capital cearense e tinham como principal destino as casas comerciais, foram responsáveis pelo desenvolvimento de um comércio mais intenso com a Europa, contribuindo para a expansão do capitalismo no Ceará. Dentre as várias casas comerciais que surgiram em Fortaleza, destacamos a Casa Boris Frères, fundada em 1869, por **Alphonse** e **Theodore Boris** com a denominação de *Theodore Boris & Irmão*⁷.

De acordo com Mota (1982, p.12) entre os anos de 1870 e 1871, Alphonse e Theodore devido a guerra franco-prussiana, os irmãos retornam a França, e com seu irmão Isaie Boris, “fundam em Paris a casa de comércio Boris Frères”, ao retornarem ao Ceará instalam uma filial da referida casa comercial⁸, juntamente com os irmãos Achille e Adrien.

A Casa Boris Frères deu o impulso que faltava para as relações entre Europa, Brasil e Ceará, após a inauguração de sua filial na cidade de Fortaleza, em 1870, intensificou suas relações comerciais de importação e exportação de mercadorias. As mercadorias importadas pela Casa Boris Frères tinham, em sua maioria, a origem europeia dentre seus produtos temos: tecidos, roupas, perfumarias, artigos de decoração, móveis entre outros. Já os produtos exportados, eram artigos regionais, como: o algodão, a cera de carnaúba, as peles, os couros, as sementes de mamona e oiticica, etc.⁹ Além da referida casa os irmãos investiram em outras “transações econômicas”, destacamos: agências de seguro e navegação, casa bancária, prensas de algodão, dentre outras.

⁶ Entendemos por processo civilizador, a partir de Norbert Elias em seu livro: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Vol. 1, 1994.

⁷ Mudou para Casa Boris Frères em 1870.

⁸ Localizada à rua da Palma, atualmente denominada de Major Facundo.

⁹ Além da exportação de produtos cearenses a firma Boris Frères integrou, em diferentes períodos, a comissão responsável por mostrar os produtos (milho, águas minerais, cerâmica) de cidades cearenses (Aracati, Quixadá, dentre outras) em exposições nacionais e internacionais, como a de Paris (1889), a de Chicago (1892) e a do Rio de Janeiro (1922).

O destaque da referida casa no mercado nacional e internacional pode ser observado pelo papel desempenhado nas Exposições Universais por ela na comissão de organização da Exposição Universal de Chicago, no ano de 1892, como afirma MOTA que

“Isaies Boris, por solicitação do Presidente José Freire Bezerril Fontenele, foi quem presidiu, juntamente com o Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioly e Wiliam H. Mardock, a comissão organizadora da participação cearense à Exposição de Chicago, que redundou em êxito total, levando-se em consideração que os membros componentes da – comissão preparatória – ao certame internacional eram compostos dos nomes mais destacados do Estado, tais como Antônio Bezerra de Menezes, Guilherme Cezar da Rocha, Manoel Francisco da Silva Albano, Dr. João Marinho de Andrade, Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil, etc. e que empregaram todos os esforços no sentido de que, através das – Comissões do Interior – [...]”. (MOTA, 1982, p: 15)

A referida comissão levou cerca de 61 localidades cearenses, dentre elas, destacamos; Crato, Granja, Sobral, Quixadá, Aracati e Russas. Ainda de acordo com Mota (1982, p.: 16) os produtos levados para a Exposição Universal de Chicago foram: milho, capim, arroz, cana-de-açúcar, chá, café, fumo de folhas, animais domésticos, joias e enfeites, couros, penas de ema, entre outros.

De acordo com Takeda participação da Casa Boris Frères não ficou restrita a Exposição Universal de Chicago, em 1892, mas a mesma participou, como afirma a autora

“Outra expressão da importância da Casa foi sua participação em exposições internacionais e nacionais, como a de Paris em 1889, a de Chicago em 1892 e a do Rio de Janeiro em 1922. Na primeira delas, o Brasil esteve com um pavilhão e, como únicos delegados oficiais do Ceará, encontramos Alphonse e Théodore Boris. Embora, como expositora, sua Casa tenha dividido a participação com mais nove representantes cearenses, ela foi, numericamente, a mais importante representação do estado: esteve em 11 das 82 “classes” em que se distribuíram as mercadorias expostas, enquanto que os demais participaram, em média, de apenas 2 classes.” (TAKEDA, 1995, p.: 166)

Devido ao intenso comércio com a Europa, e aumento da quantidade de casas comerciais foi necessária a criação da Associação Comercial do Ceará em 1866, que foi de fundamental importância para desenvolvimento comercial cearense, anteriormente voltado apenas para a exportação e importação de produtos, buscava ampliar para o comércio em geral. O seu primeiro presidente foi Henrique P. L. Halkmann que esteve à frente da referida associação entre 1866 e 1867, segundo Nobre (, p.: 359) “foi talvez o primeiro comerciante de origem germânica a se estabelecer no Ceará”, era sócio em duas casas comerciais, sendo uma de importação, principalmente de farinha de trigo, entre outros; e a segunda um armazém de secos e molhados e produtos de exportação. Luis Sand presidente da referida associação entre 1871 e 1872 e dono de um armazém de secos e molhados, com mercadorias importadas da

Europa. E por último destacamos: Richard P. Hughes, diretor da referida associação entre os anos de 1869 -1870, inglês e sócio de José Smith de Vasconcelos, Hughes & Cia negociavam mercadorias para importação e exportação.

A relação comercial entre Europa e Ceará foi fortalecida, como já foi exposto, pela instalação de casas comerciais e pelas chamadas Exposições Universais, e ainda, da criação da já mencionada Associação Comercial do Ceará. Destacamos a presença de membros das referidas casas como membros da direção da referida associação ou como representantes das comissões das referidas exposições. Dentre os representantes citados na comissão, destacamos a Singlehurst & Cia que por sua importância, desde 1835 elegeu dois presidentes da Associação Comercial do Ceará, eram membros firma Singlehurst & Co. Outro presidente foi Henrique Brocklehurst, em 1868, de origem inglesa, foi preposto de Liverpool, conhecida como Casa Inglesa, e João Mackee, também conhecido como Barão de Mucuripe, inglês e sócio-gerente da Singlehurst & Cia (Casa Inglesa), subsidiária da Singlehurst & Co., era uma casa comercial que com negócios de importação e exportação de mercadorias.

Tais relações perduraram até meados do século XX, onde no ano de 1910, os negócios de importação de produtos estrangeiros foram suspensos, continuando a Casa Boris Frères, com a exportação de produtos, principalmente cearenses, entre outros negócios. Outras casas comerciais de menor ou maior importância foram aos poucos adaptando seus negócios, se especializando em outros campos de atuação, como casas bancárias, comércio de água mineral, estrada de ferro e outros. Além do comércio com as mais distantes vilas ou cidades do Ceará, intermediando, por vezes negócios entre a Casa Boris Frères e os comerciantes locais.

2. Da Europa a Aracati: as casas comerciais estrangeiras em Aracati

O auge econômico da Vila de Aracati¹⁰ ocorreu com o aumento da produção e da comercialização de carne e de seus subprodutos, como carne seca e couro, que eram exportados diretamente para a Europa, contribuindo assim, para sua inserção no cenário mundial. Segundo Girão(2000)¹¹, com as charqueadas o Porto de Aracati¹² tornou-se “o mais movimentado e rico empório de transações da Capitania do Siará, seu crescimento econômico

¹⁰ É elevada a categoria de vila em 1780, com a denominação de Santa Cruz de Aracati e a categoria de cidade em 1842, com o nome denominação atual.

¹¹ p. 159.

¹² O porto de Santa Cruz dos Barcos, antigo porto do Aracati, era considerado ponto obrigatório do comércio com Pernambuco, por ele saíam a maior parte dos gêneros de exportação e entravam os artigos de importação que supriam as ribeiras do Jaguaribe, do Icó, o Crato e os Inhamuns, sendo o centro de distribuição à vila de Icó.

refletiu nos modos da sociedade”, destacando-se a civilidade e polidez dos seus habitantes. Além disso, o referido porto importava artigos finos como tecidos de seda, *utensílios domésticos, mobília*, dentre outros, diretamente da Europa, principalmente da Inglaterra e França. O que demonstrava seu grau de civilidade. Os aracatienses se destacavam nos modos de vestir e se portar, de acordo com Girão (2000) isso ocorria devido o contato com os estrangeiros que moravam ou faziam negócios em Aracati.

Esse contato entre aracatienses e europeus se tornaram mais intensos com comércio entre Inglaterra e Aracati que se consolida com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, quando o algodão, passou a ser exportado diretamente para a Inglaterra através do Porto de Aracati, isso ocorreu entre anos de 1860 a 1880.

As mercadorias que entravam pelo Porto de Fortaleza eram negociadas com a Casa Boris Frères que através de representantes comerciais intermediavam a compra de produtos importados desembarcavam pelo Aracati. Já as mercadorias que não aportavam pelo referido porto, o faziam pelo de Aracati que era responsável pela entrada de produtos importados da Europa, e logo que chegavam eram distribuídos entre as casas comerciais onde eram adquiridos pelas famílias mais abastadas que integravam a sociedade aracatiense, no período em questão, eram compostas, em sua maioria, por comerciantes ligados ao setor de importação e exportação e os profissionais liberais como advogados, médicos, intelectuais, entre outros. Alguns destes compravam suas mercadorias diretamente da Europa, em suas viagens, porém a grande maioria realizava seus pedidos diretamente aos comerciantes locais, fossem eles comissionário/ representantes comerciais ou casas comerciais que tinham como atividade principal a importação de mercadorias de uso doméstico.

Esse comércio possibilitou no período em tela, o surgimento de muitas casas comerciais de origem europeia que se instalaram na cidade de Aracati, segundo Takeda (1995, p. 137) isso ocorre devido “a atração que a cidade de Aracati exerceu sobre essas comerciais francesas que vieram estabelecer-se”. Destacamos as cinco principais casas comerciais fixadas na cidade de Aracati, no período aqui proposto, *Benoit Lévy* e seus irmãos comunicaram sua instalação, na cidade de Aracati *George Jacob* e *Gustave Habisreuttinger* instalaram-se em Aracati, em 1875; a *Gradvohl Frères; Jacques Weile a Cada de Brurmschiveiberg*, foi instalada por volta de 1870.

Esse comércio era realizado de acordo com Takeda (1995. p.: 141) através de “um dos sistemas vigentes é o de consignação ou comissão pelo qual aquele que atuava como intermediário recebia uma porcentagem (a comissão) sobre o lucro auferido na compra ou venda de mercadorias”. Muito utilizada pela Casa Boris Frères, principalmente com outros

comerciantes franceses, como; *Habisreutinger & Cia e Brunnschweiler & Cia*, no caso aracatiense.

Através da documentação referente à Casa Boris Frères podemos perceber esse tipo de relação, ou seja, a figura do representante comercial que intermediava as vendas entre as casas comerciais aracatienses, os compradores e/ou a Casa Boris Frères. Destacamos: o comerciante *João Astudillo Bussoms* que trocou inúmeras correspondências com a Casa Boris Frères, dentre as cartas uma se refere a um pedido feito referida casa comercial e que acusa o não recebimento de duas toalhas ele afirma que “Faltam 2 toalhas, que peço remeter-me na primeira ocasião”¹³, informa ainda o pagamento do total referente as mercadorias solicitadas e ainda reclamada dos altos preços cobrados.

Em outra correspondência emitida por Clemente A. Y. Bussoms & Cia apresenta uma lista com os pedidos realizados. Outro comerciante *Habisreutinger & Cia* reclama de tecidos que foram solicitados e chegaram ao destino estragados devido as condições do navio que as entregou.

Esse tipo de comercialização era realizado por meio de cartas destinadas aos proprietários das referidas casas. Segundo Takeda essa relação funcionava da seguinte forma:

As mercadorias eram adquiridas na Casa Boris sobretudo pelos comerciantes estabelecidos nos núcleos urbanos mais importantes que, atuando também como atacadistas, repassavam-nas a comerciantes de menor porte, que comercializavam com produtos importados, em cidades e vilas do Ceará. Esses comerciantes atacadistas, negociando diretamente com a Casa Boris e mantendo também transações comerciais com praça de Recife, pertenciam ao grupo mais abastado do ramo comercial.”(TAKEDA, 1995, p.: 140)

Com a entrada de mercadorias europeias importadas pelos comerciantes¹⁴ aracatienses, principalmente, *de uso doméstico*, como os artigos utilizados na mesa e cozinha, como: as *louças*¹⁵ presente em: serviços de chá e café, aparelhos de jantar, travessas, sopeiras, molheiras, talheres, vasilhames de cerâmica, taças, licoreiras, garrafas de vidro e grés para bebidas, etc, *a mobília*¹⁶ e *os adornos*¹⁷, proporcionaram mudanças nos hábitos e costumes na sociedade em questão. Tais mudanças podem ser percebidas pela aquisição de tais mercadorias, pois segundo as correspondências da Alfândega de Aracati e de Fortaleza o crescimento de mercadorias europeias de uso doméstico inicia a partir de 1850 até 1890, onde

¹³ Arquivo Boris Frères: correspondência comercial recebida pela Boris Frères relativa a comerciantes da cidade de Aracati – Doc. nº 159/ p.: 23, cx nº 01 – Estante: A, de 04/05/1876.

¹⁴ Estão inseridos aqui os donos de casas comerciais ou firmas comerciais de importação e exportação de mercadorias estrangeiras, assim como os representantes comerciais.

¹⁵ Ao destacarmos as louças, estamos nos referindo ao sentido amplo da palavra, que engloba as faianças, faianças finas, porcelanas e suas diversidades.

¹⁶ A mobília em questão está relacionada a sala de jantar, sala de visita ou estar e a cozinha.

¹⁷ Enfeites utilizados na decoração dos espaços domésticos, como a sala de visita.

ocorre um declínio no comércio de algodão, mas as casas comerciais em questão continuam com seus negócios de importação e exportação até 1910, onde às importações são suspensas, como já foi mencionado anteriormente.

Com a inserção de tais mercadorias os lares aracatienses se assemelham aos europeus em sua mobília, louças e adornos, nas ruas percebe-se a moda francesa presente em chapéus, vestimentas e outros. Esses hábitos e costumes europeus proporcionam a inserção da sociedade aracatiense no modelo de civilidade a ser seguido.

Considerações Finais

Com a reuropeização, a sociedade aracatiense foi inserida em um modelo civilizador capitalista, onde o consumo de mercadorias europeias, principalmente de uso doméstico, os aproxima do modelo europeu de civilidade, o que proporcionou a instalação das casas comerciais, sobretudo europeias possibilitando mudanças nos hábitos e costumes da cidade e na sociedade em questão.

Esse intenso comércio foi responsável pela criação da Associação Comercial do Ceará que visava ampliar os negócios existentes entre a Europa e Aracati, tendo como seus primeiros presidentes europeus que tinham no Ceará casas comerciais voltadas para importação e exportação de mercadorias.

Outro ponto de destaque, é a importância da Casa Boris Frères que impulsiona o comércio cearense e com isso torna o Ceará conhecido mundialmente, através das exposições universais. Essa relação comercial entre a Casa Boris e os representantes comerciais provocou a expansão do modelo capitalista pelo Ceará.

Fontes:

- Fundo: Boris Frères: **correspondência comercial recebida pela Boris Frères relativa a comerciantes da cidade de Aracati**, Data crônica: 1872 a 1879, CCR; Localizada no Arquivo Público Intermediário do Ceará

- Fundo: **Alfândegas de Aracati e Fortaleza** – Data Crônica: 1836 a 1893, Localizada no Arquivo Público do Estado do Ceará.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: EdUFF, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.
- _____. **O Poder simbólico.** 15ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011.
- ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Vol. 1, 1994.
- FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX.** 4ª ed. (revista). São Paulo: Global. 2008.
- _____. **Os ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil.** 3ª edição, Rio de Janeiro: Top Books Editora/UniverCidade, 2000
- _____. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano.** 4ª edição, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra (Introdução à História da sociedade patriarcal no Brasil, nº 1), 1968.
- GIRÃO, Raimundo. **História Econômica do Ceará.** Fortaleza: UFC/ Casa José de Alencar Programa Editorial. 2000
- GIRÃO, Valdelice. C. **Estudos históricos e de evolução urbana da cidade de Aracati.** Tomo CXV, nº 115, p 35 – 50, 2001.
- LEITE, Ana Cristina. **O Algodão no Ceará; estrutura fundiária e capital comercial, 1850-1880.** Fortaleza: SECULT, 1994.
- LIMA, Abelardo Costa. **Terra Aracatiense.** Coleção Biblioteca de História do Ceará. 2ª edição, 1979.
- MALERBA, Jurandir. **A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência:** Editora Companhia das Letras, São Paulo (2000)
- MOTA, Francisco Assis Sousa. **A Secular Casa Bóris e a importância de seu arquivo.** Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1982
- TAHEYA, Denise Monteiro. **Europa, França e Ceará: origens do capital estrangeiro no Brasil,** Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.
- _____. O capital mercantil estrangeiro no Brasil do século XIX: a atuação da Casa BórisFrères no Ceará Revista de Ciências Sociais, Fortaleza: Edições UFC, Volume 25, número ½, p: 111-145, 1994.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.